

DOMÍNIOS DA IMAGEM



**O USO
FOTOGRAFICO:
NARRATIVAS E
MODERNIDADE NA CIDADE
DE SOUSA-PB (1920-1930)**

Suzana Alves de Sousa

Submissão: 20/09/2024

Aceite: 21/10/2024





O USO FOTOGRÁFICO: NARRATIVAS E MODERNIDADE NA CIDADE DE SOUSA-PB (1920-1930)

THE PHOTOGRAPHIC USE: NARRATIVES AND MODERNITY IN THE CITY OF SOUSA-PB (1920-1930)

SUZANA ALVES DE SOUSA¹

A análise da cidade de Sousa, na Paraíba, por meio das fotografias produzidas entre as décadas de 1920 e 1930, revela como os primeiros elementos modernizantes começam a compor o cenário dessa cidade sertaneja da Paraíba. Consideramos que essa fonte nos ajuda a entender como, ao longo desse período, os discursos sobre modernidade e desenvolvimento foram ganhando espaço. Examinamos as imagens com base nos conceitos de Iconografia e Iconologia, seguindo a perspectiva de Boris Kossoy (2001). Entre as fontes consultadas, os jornais e as revistas desempenharam um papel importante na nossa pesquisa historiográfica, apresentando as narrativas e os discursos que a elite local e estadual construiu sobre o espaço urbano. Para contextualizar esses discursos, dialogamos com pensadores que abordam a modernidade, como Marshall Berman (1986). O livro *Além do Rio* (2011) do Augusto Ferraz, é o responsável pelo acesso a essas fontes imagéticas. Assim, percebemos que Sousa/PB foi retratada como uma cidade que começava a trilhar o caminho da modernidade, evidenciada pelos registros de novos equipamentos de conforto.

Palavras-chave: Cidade; Modernidade; Fotografia.

The analysis of the city of Sousa, in Paraíba, through photographs produced between the 1920s and 1930s reveals how the first modernizing elements began to shape the landscape of this hinterland city in Paraíba. We consider that this source helps us understand how, throughout this period, discourses on modernity and development gradually gained ground. The images were examined based on the concepts of Iconography and Iconology, following the perspective of Boris Kossoy (2001). Among the sources consulted, newspapers and magazines played an important role in our historiographical research, presenting the narratives and discourses constructed by the local and state elites about the urban space. To contextualize these discourses, we engaged with thinkers who address modernity, such as Marshall Berman (1986). The book *Além do Rio* (2011) by Augusto Ferraz,

¹ Mestra pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG/PPGH). Email: suzanaalvez1@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0009-0003-1963-7781>.

Domínios da Imagem, vol. 19, 2025.

DOI: 10.5433/2237-9126.2025.v19.51476





provided access to these visual sources. Thus, we observe that Sousa/PB was portrayed as a city beginning to follow the path of modernity, as evidenced by the records of new comfort-related amenities.

Keywords: City; Modernity; Photography.

INTRODUÇÃO

A cidade foi o cenário preferido de diversos fotógrafos. Muitos, ao longo da história, se dispuseram a eternizar esses espaços urbanos. Deste modo, hoje, através dessas produções, podemos acompanhar as transformações sociais que lhes sobreveio, bem como os usos e costumes daquele contexto histórico. Entre esses fotógrafos que se destacaram ao retratar o cotidiano dessas cidades estão Charles Marville, que documentou as transformações urbanas em Paris promovidas pelo imperador francês Napoleão III, que foi imperador entre 1852 e 1870, juntamente com o Barão Georges-Eugène Haussmann (Colins, 2017).

No Brasil, as reformas aplicadas em Paris são motivos de inspiração para o andamento de novas transformações urbanas. No Rio de Janeiro, o presidente da República Rodrigues Alves (1902-1906), nomeia o engenheiro Pereira Passos (1836-1913) para colocar em prática mudanças na cidade que a tornariam mais *moderna* (Benchimol, 1992). O fotógrafo Augusto Malta (1864-1957) através de suas produções acaba documentando essas transformações (Silva, 2018).

A pesquisadora Maria Inez Turazzi (1995) afirma que o Brasil sempre fez uso da fotografia na tentativa de afirmar uma identidade nacional (1995, p. 109); a exemplo da corte imperial que chegou a contratar fotógrafo com o propósito de registrar mudanças sociais, como também para apresentar o país, através de exposições nacionais e internacionais, como moderno e civilizado. Logo, essas imagens eram destinadas a um público, geralmente comerciantes.

Domínios da Imagem, vol. 19, 2025.

DOI: 10.5433/2237-9126.2025.v19.51476





Portanto, compreendemos que essas imagens carregavam discursos e representações.



Tendo como princípio essas informações, podemos contemplar como a presença da fotografia nesses cenários pode nos possibilitar uma investigação sobre os caminhos que foram trilhados, assim como, seus discursos e representações, se utilizarmos essas fotografias como fonte histórica. Diante de um documento histórico é necessário percebê-lo como um texto que precisa ser lido. Nesse sentido, Ana Maria Mauad (1996) destaca que “a imagem não fala por si só; é necessário que as perguntas sejam feitas” (1996, p.10). Esse processo deve ser desenvolvido pelo historiador ao tratar a fotografia enquanto fonte histórica.

As discussões aqui apresentadas resultam de reflexões desenvolvidas a partir de uma pesquisa sobre a cidade de Sousa/PB, no período de 1920-1960, analisadas por meio de fotografias. Partindo dessa afirmação, podemos declarar que o presente trabalho tem por finalidade investigar os discursos modernizantes que se faziam presentes na cidade de Sousa, na Paraíba, nos anos de 1920-1930, tendo como principal fonte documental a fotografia, que nos auxilia a compreender as mudanças e as representações que se deram sobre a cidade.

A cidade de Sousa fica localizada no Alto Sertão Paraibano, com uma população de aproximadamente 70 mil habitantes. Ela se constitui como uma das maiores cidades do sertão. Ao longo do século XX, essa região tornou-se conhecida pela comercialização de algodão, o que favoreceu o comércio e o melhoramento da vida urbana das cidades; com isso a introdução desses símbolos modernizantes contribuiu para a formação de um imaginário moldados pelo conceito de moderno, civilizado e de desenvolvimento (Silva Filho, 1999).

Dessa forma, a fotografia pode nos auxiliar a compreender esses cenários e na concretização dessas narrativas. Ter a fotografia como documento





histórico é ter em mãos uma fonte que precisa ser lida. Como bem afirma Mauad (1996), a imagem é um texto, logo perguntas devem ser feitas a esse documento. A imagem apresenta uma visão de mundo. Ela está vinculada ao fotógrafo, o *autor*, com isso, é necessário levar em consideração se ele é amador, profissional, quais são suas técnicas, afinal, é ele quem escolhe o ângulo, podendo favorecer ou não determinado cenário, por exemplo. O *leitor* dá significado à imagem; a leitura do *texto* pode se dar por meio de outros textos sociais. Logo, a cultura em que ele está inserido pode moldar essa leitura.

Dessa maneira, é necessário estar atento a quem as produziu, qual o propósito e o objetivo, bem como a quem as consumiria. Qual a mensagem produzida, seu recorte temporal, seus enquadramentos e onde foi armazenada.

Baseando-se nos conceitos de Iconografia e Iconologia propostos por Erwin Panofsky (1979), Boris Kossoy (2001) nos ajuda a ler as imagens apresentadas de maneira mais precisa. A Iconografia está vinculada ao sentido descritivo, isto é, "detalhar sistematicamente e inventariar o conteúdo da imagem" (Kossoy, 2001, p. 107). Podemos descrever a Iconologia como a análise dessas imagens, o "caminho da busca do significado do conteúdo" (Kossoy, 2001, p. 107). Portanto, essas perspectivas nos auxiliaram na leitura da metodologia e no melhoramento da escrita historiográfica sobre as fontes imagéticas.

Ademais, ao trabalharmos com a fotografia, é necessário ter em mente que a investigação do historiador se assemelha à de um *detetive*. Quem nos apresenta esse pensamento é Carlos Ginzburg (1989), ao descrever o *Paradigma Indiciário*. Ou seja, ter acesso às diferentes camadas de uma fonte faz necessário um olhar mais treinado, por meio de leituras e análises que possibilitam acessar a mensagem da fonte para além do que se queria passar a priori. Assim, o historiador pode se apropriar dos elementos apresentados por Ginzburg, o "Faro, golpe de vista, intuição" (1989, p. 179).



As imagens aqui apresentadas foram retiradas do livro *Além do Rio* (Ferraz, 2011), obra que apresenta um grande acervo imagético da cidade de Sousa/PB durante os anos de 1910-1970. Não é informada a autoria de cada imagem, mas o livro possui, em seu início, um informativo afirmando que grande parte do material apresentado faz parte do acervo de Júlio Marques de Melo e do seu filho Eladio Melo², que possuíam uma máquina fotográfica e que registraram alguns eventos que aconteceram na cidade.

OS TRILHOS DO PROGRESSO

Segundo Mary Del Priore (2017, p. 220), as palavras mais usadas na primeira metade do século XX foram ciência, progresso e modernidade. Esses discursos afloram também na cidade de Sousa, na Paraíba. Com o desenvolvimento econômico e os interesses das elites paraibanas, essa região passou a ter acesso a determinados símbolos que passam a determinar a modernidade da cidade.

O pensamento do Marshall Berman (1986) nos ajudará a refletir sobre essas questões. Segundo o autor, a vida moderna apresenta muitos quesitos que o homem dessa sociedade precisa lidar. Entre elas está a experiência vital de “tempo e espaço, de si mesmo e dos outros, das possibilidades e perigos da vida – que é compartilhada por homens e mulheres em todo o mundo, hoje” (Berman, 1986, p. 15). Essas experiências, segundo Berman, se configuram como modernidade. Dessa forma, “ser moderno é encontrar-se em um ambiente que promete aventura, poder, alegria, crescimento, autotransformação e

² Ambos foram prefeitos da cidade, logo, por não ser um instrumento de fácil acesso, até mesmo o olhar fotográfico da cidade parte das intenções e interesses de um seletor grupo que tinha em mãos essa ferramenta.



transformação das coisas em redor – mas ao mesmo tempo ameaça destruir tudo o que temos, tudo o que sabemos, tudo o que somos” (Berman, 1986, p. 15).

Por modernidade compreendemos que ela se dá de maneira particular e distinta. Isso porque não podemos comparar a maneira como se dá a modernidade na cidade de Sousa/PB com as das grandes metrópoles. O pesquisador Gervácio Aranha (2001) descreve que a experiência nortista de modernidade se expressa mais pela presença desses elementos considerados modernizantes, do que pelos intensos ritmos sociais. Assim, é possível perceber que muitas regiões que ainda caminha a passos “arrastados” são representadas, por meio de narrativas e imagens, em especial pela elite da cidade, como desenvolvidas e modernas.

Gervácio Aranha (2001) afirma

Trata-se de considerar que a ideia de modernidade... se configura menos por cenários urbanos marcado pela agitação frenética no cotidiano das pessoas com seu “rush” característico, e mais por uma ou outra novidade vinha do estrangeiro, seja as que se relacionam aos transportes e comunicações, seja aquelas relacionadas aos equipamentos do “conforto”, não esquecendo das que remetem a vida elegante e/ou entretenimentos. Cidade que se quer “civilizada” ou estaria a “civilizar-se” deveria contar ao menos com uma dessas novidades (Aranha, 2001, p. 254-255).

Durante os anos de 1920-1930 a cidade ainda apresentava aspectos rurais, com a chegada do trem, a cidade ganha novas dinâmicas e desdobramentos que contribuem para um imaginário da urbe. Colaborando inclusive, com a introdução de outros elementos que se configuram naquele contexto como modernos e civilizatórios, como a troca de informações, o acesso a jornais, o contato com o resto do mundo.



Nesta perspectiva, compreendemos que a chegada do trem à cidade promove um grande meio de sociabilidade e locomoção. Bem como facilita as relações econômicas e políticas.

Através do romance produzido pelo paraibano José Lins do Rego (2012), podemos contemplar essa dinâmica, bem como perceber que a imagem que é produzida sobre essa máquina locomotiva é de velocidade, uma característica presente no ideário de modernidade. Na sua obra, *O menino de engenho*, de 1932, o personagem principal é levado para o engenho do seu avô materno, durante a narrativa o personagem descreve sua viagem que fez de trem

O trem era para mim uma novidade. Eu ficava na janelinha do vagão a olhar os matos correndo, os postes do telégrafo, e os fios baixando e subindo. Quando chegava numa estação, ainda mais se aguçava a minha curiosidade. Passavam meninos com roletes de cana e bolos de goma, e uma gente apressada a dar e a receber recados. E uma porção de pobres a receber esmolas (Rego, 2012).

A estação rodoviária é descrita como um espaço onde acontece a troca de informação, onde as pessoas comercializam seus produtos e ao mesmo tempo de pessoas que passam por vulnerabilidade social-econômica aproveitam a ocasião do entroncamento de pessoas para solicitar ajuda. Com isso, podemos perceber que esse ambiente se constituía como um lugar de encontros, desencontros e novas perspectivas que se desdobram a partir desse elemento modernizante.

Em uma sociedade onde ainda se apresentam características rurais, a presença de um instrumento modernizante como o trem, que é sempre vinculado a um símbolo de velocidade, pode ressignificar o tempo e a dinâmica dessa comunidade. Aranha (2001) afirma que o trem tem pressa, ou seja, para usar esse transporte tem o horário definido, não pode atrasar e precisa que o cidadão esteja adaptado a essa nova dinâmica. Podemos afirmar também que esse

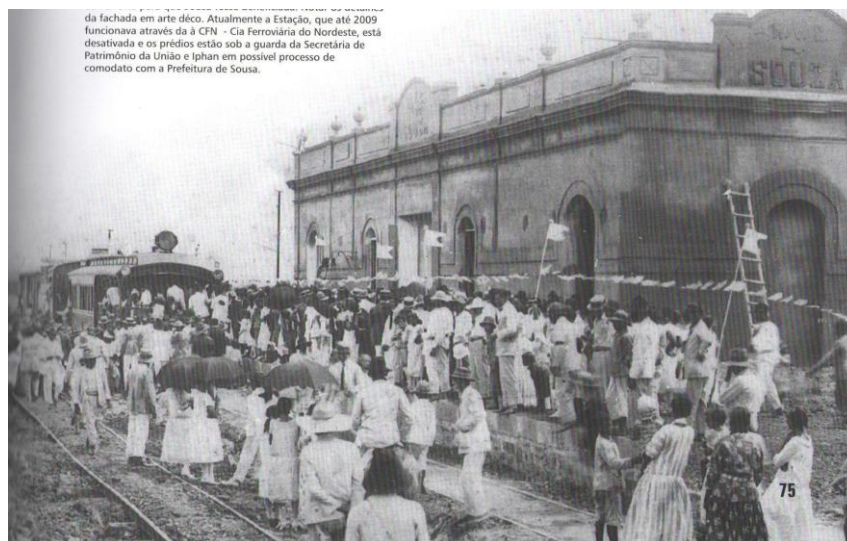


instrumento acaba marcando as horas, isso é, muitos acabam utilizando a passagem do trem como demarcador do tempo (Aranha, 2001, p. 342). Veja que na obra *O menino de engenho* o personagem afirma que “do engenho nós ouvíamos o trem apitar, e fazia-se de sua passagem uma espécie de relógio de todas as atividades: antes do trem das dez, depois do trem das duas” (Rego, 2012, p. 24).

Tendo isso em mente podemos dialogar sobre o impacto desse elemento modernizante ao ser integrado na sociedade sousense. A imagem da inauguração da estação ferroviária já nos mostra que o evento atraiu muitos cidadãos que prestigiaram o ato solene.

Observe a fotografia da Imagem 1, a seguir

Imagem 1 - Estação Ferroviária (1926)



Fonte: *Além do Rio* (2011) (Reprodução).

A fotografia apresentada constitui uma importante fonte imagética para a cidade, porque ela sempre se faz presente nos estabelecimentos e representações da urbe em diferentes espaços. A imagem se dá durante a



inauguração da Estação Ferroviária da cidade. Observe a escada do lado direito, apontando que as obras não foram concluídas.

O fotógrafo é anônimo, porém, no livro *Fotografia na Paraíba* de Bertrand Lira (1997) contamos com a informação que essa imagem pertencente ao acervo de Bitencourt, que foi contratado pela EMBRAPA (Empresa Brasileira de Pesquisa do Algodão) com o propósito de documentar a cultura do algodão do Nordeste. (Lira, 1997, p. 147 e 155) Seja como for, o ângulo da fotografia foi muito bem pensado e arquitetado. Note que o ângulo da imagem consegue capturar tanto a estação, que inclusive toma boa parte da imagem, bem como a multidão presente, mas também consegue incluir o trem aos fundos da imagem, para onde as pessoas estão voltadas. A imagem é impressionante pela riqueza de detalhes apresentados. O nome *Souza*, escrito na parede da Estação, fica evidente na fotografia. A fotografia, por certo, foi muito bem projetada.

Pelo grande número de pessoas concentradas na estação, é possível entender que esse evento causou grande expectativa e curiosidade nas pessoas, e que certamente a maioria nunca tinha presenciado tamanha empreitada. Por consequência, é possível observar a moda e os costumes daquela época. Observe a quantidade de chapéus que se destacam na multidão, usados pelos homens que seguiam a moda da época. Contemple, também, que algumas pessoas fazem uso dos guarda-chuvas, algumas jovens meninas fazem uso de meias e sapatos³, mesmo entre as pedras e a terra entre os trilhos. Logo, suas ornamentações e vestimentas se destacam como pessoas que apresentam melhores condições de vida.

Como o evento é público, podemos contemplar as diferentes condições sociais a partir desses detalhes que nos chamam a atenção. Perceba,

³ Alguns desses sapatos têm um saltinho, veja as jovens que estão debaixo do guarda-chuva. Comum na moda da época.

Domínios da Imagem, vol. 19, 2025.

DOI: 10.5433/2237-9126.2025.v19.51476



por exemplo, na margem inferior à direita, a presença de algumas mulheres; seus vestidos, diferentemente das demais, têm estampas que se destacam na multidão. Algumas delas estão com bebês nos braços; entre elas está um jovem com uma de suas mãos no braço da mulher ao seu lado, indicando um certo grau de afinidade. Portanto, podemos imaginar que seja um grupo familiar, quem sabe mãe e filho. A imagem eterniza uma ação que possibilita, ao pesquisador, contemplar uma afeição que perpassa o que o fotógrafo quer apresentar. Dessa maneira, a fotografia tem o poder de flagrar essas relações, nos permitindo conhecer esses sujeitos históricos.

Entre os indivíduos há os curiosos; alguns estão observando atentamente a monstruosidade do trem à sua frente. Todos, aparentemente, estão inclinados em direção ao trem. Observe que, na Imagem 2, a presença de algumas crianças chama a nossa atenção, pois muitas estão, supostamente, encantadas. Veja o recorte a seguir.

Imagem 2 - Estação Ferroviária (1926)



Fonte: *Além do Rio* (2011) (Reprodução).

Contemple a criança no centro da imagem. Ela está com o corpo inclinado para conseguir observar o que está acontecendo. Na tentativa de desviar da multidão e ver o trem, ela dá seu jeito para contemplar aquele



fenômeno. Observe, ainda, que algumas pessoas cruzam seu olhar com a máquina fotográfica, logo, podemos imaginar que a ação do fotógrafo não passou de todo despercebida.

Com isso, imaginamos que a câmera fotográfica ali é um indicativo de que ela também é um instrumento modernizante e que, naquele momento, a ação fotográfica não era tão comum assim. Lira (1997) afirma que a circulação dos fotógrafos nas regiões interioranas fora favorecida com a expansão da rede ferroviária. Bem como a documentação fotográfica, porque todas essas transformações poderiam ser uma novidade e um objeto para ser fotografado pelos fotógrafos (1997, p. 147).

O dia de festividade vai parar nos jornais e revistas da época. O jornal *A União* (1893-) relata como se deu esse evento em uma matéria destacada como “Notícias do Interior: Souza”⁴, com a presença de 3 mil pessoas. O redator afirma

Eram 12 horas aproximadamente, quando silhuetava-se o perfil do comboio que vinha trazer a Souza uma nova era de prosperidade. Havia em cada coração o desejo intenso da efetivação de uma esperança secular. E o trem se aproximava lentamente. Foi quando a locomotiva, varando a multidão e com um apito estridente parou, resfolegando os seus pulmões de aço, enquanto o povo saudava os pioneiros do progresso em hurrahs frenéticos e lá fora, ao ar, estrugiam repetidas salvas de foguetes (A União, 1926, p. 2);

O discurso aqui já apresenta os ideais de progresso e modernidade. Observe que o redator afirma que em Sousa/PB sobrevém “uma nova era de prosperidade” (A União, 1926, p. 2), tudo isso com a chegada desse instrumento modernizante. É necessário observar, também, que as pessoas que se associavam a esses instrumentos modernizantes também se faziam precursoras do moderno ou pessoas civilizadas. E o próprio relato apresenta que as pessoas “saudavam os pioneiros do progresso” (A União, 1926, p. 2). Perceba-se que essa ação se vincula

⁴ Ver: “Notícias do interior: Souza”. In: A União. Parahyba, 26 de maio de 1926, p. 2.



totalmente com a afirmação do discurso modernizante para com esses indivíduos.

Observe que essas narrativas apresentam esse elemento com um caráter remidor, promovidas por uma elite local e estadual a inauguração da estação ferroviária é apresentada quase que um caráter remidor de uma região que geralmente é atrelada a uma imagem de miséria, fome e pobreza. Perceba que essa empreitada é de interesse da elite local mais também estadual, pois existia um interesse econômico na região. Sem dúvida, o trem facilitaria o transporte de mercadoria para as demais regiões.

O pesquisador Rivaldo Amador de Sousa (2011) descreve que nos anos iniciais do século XX a economia da cidade de Sousa, na Paraíba, era movida pela comercialização do algodão. Sendo assim, as grandes transformações sociais e econômicas serão desenvolvidas pela necessidade de captação do algodão produzida nessa região⁵.

É neste período que a cidade de Sousa/PB e região vão ser contempladas com a construção de estradas de rodagem e açudes. Muitos coronéis conseguiram vantagens a partir dessas obras, conseguindo que essas estradas, por exemplo, passassem próximas às suas propriedades (Silva, 2015). Os jornais e revistas que circulavam na região como o jornal *A União* relatam o andamento dessas obras que eram almejadas e esperadas, em especial, pelas classes mais favorecidas que seriam beneficiadas com essas novas empreitadas.

AUTOMÓVEIS: “BESTA FERAS” E POSES

⁵ Sobre a compra e venda de algodão nessa região, em especial na cidade de Sousa é impossível não fazer referência ao filme de Vladimir Carvalho “*O País de São Saruê*”. Documentário produzido em 1960 relata a luta pela sobrevivência de muitos sertanejos, onde muitos se valem da venda do algodão para o sustento.

Domínios da Imagem, vol. 19, 2025.

DOI: 10.5433/2237-9126.2025.v19.51476





Outros aspectos modernizantes que passam a fazer parte do cenário da cidade é o acesso que alguns grupos favorecidos da urbe terão a outros automóveis, como a chegada do primeiro carro, primeira moto e as primeiras bicicletas.

O primeiro automóvel da cidade foi adquirido pelo Coronel Emídio Sarmiento de Sá, em 1918. A história que se sabe é que o carro Ford Bigode foi transportado de trem da cidade de Recife, em Pernambuco, até Campina Grande, na Paraíba, para então chegar até a cidade de Sousa pelas estradas carroçais (Ferraz, 2011, p.74). Tratou-se de um grande evento para a época, atraindo grande parte da população curiosa para conhecer a novidade. (Gadelha, 1986, p. 131).

Imagem 3 - Primeiro automóvel em Sousa (1923)



Fonte: *Além do Rio* (2011) (Reprodução).

Observe a fotografia apresentada na Imagem 3. Lira (1997) afirma a importância de ser fotografado ao lado de objetos que lhes atribuíram *status* perante a sociedade. Segundo o autor, "Não é à toa que o automóvel aparece amiúde nas fotografias a partir da década de 20. Afinal, ele por si mesmo já era

Domínios da Imagem, vol. 19, 2025.

DOI: 10.5433/2237-9126.2025.v19.51476





um objeto fotografável” (1997, p. 102). As elites tinham um desejo de serem fotografadas ao lado de objetos modernizantes e que Lira coloca como “desejo de fazer parte da classe usuária daqueles signos” (Lira, 1997, p. 102).

Como afirma Rafaela Pereira Dário (2012)

Nos dizeres do sertão, “fulano” possuía um carro, portanto, era bem de vida, cotado para a vida pública, em muitos casos era respeitado até mesmo como doutor: geralmente atrelava-se a este possuidor a carga simbólica de não apenas dirigir “a joia da modernidade”, mas ser anúncio vivo do moderno, quer seja através das roupas que usava, das maneiras de se portar e até mesmo dos produtos que consumia (Dário, 2012, p.83).

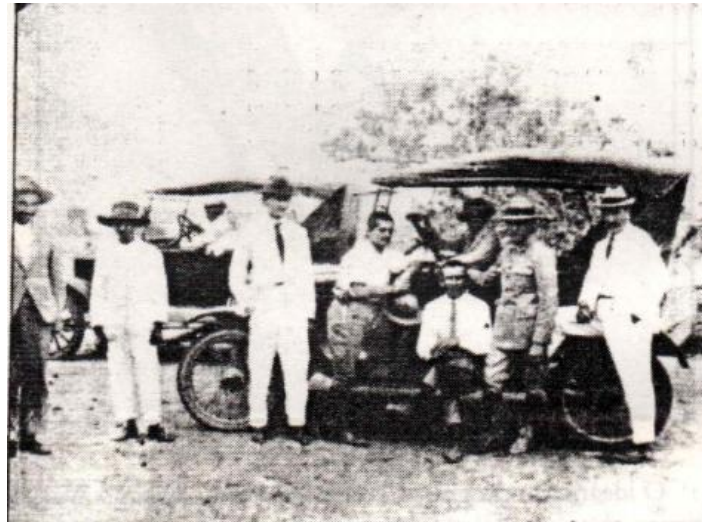
Dessa maneira, podemos observar que a fotografia foi pensada. Isso porque a maneira como os corpos estão posicionados sugerem o cuidado que o fotógrafo teve de formar a pose dos indivíduos. Veja que alguns estão com as mãos no bolso, outros colocam o pé no estribo do carro, olhar para a câmera também sugere a formação da imagem de maneira pensada e organizada.

Na imagem é possível ver Emílio Sarmiento de Sá, primeiro homem em pé à esquerda, responsável pela posse do primeiro automóvel da cidade, e os oficiais da polícia militar (note que o homem ao lado do Coronel carrega na sua cintura uma arma). Entre os homens presentes, podemos contemplar o fotógrafo Walfredo Rodriguez, que está sentado no estribo. Fazendo parte da elite intelectual da Paraíba, ele era vinculado à revista *Era Nova*, onde produzia fotografias do Estado para a revista. (Koury, 1998, p. 156 - 157)

No trabalho produzido pelo pesquisador Mauro Guilherme Pinheiro Koury (1998) (Imagem 4), a fotografia apresentada em seu texto se dá de forma completa, sem o recorte apresentado anteriormente. Dessa forma, observe com mais detalhe a fotografia.



Imagem 4 - Primeiro automóvel em Sousa (1994)



Fonte: Livro *Imagens e Ciências Sociais* (1998, p. 156) (digitalização).

Contemple, assim, outros indivíduos que estão presentes na imagem. É interessante observar que os dois indivíduos presentes à esquerda na fotografia, que não aparecem no recorte anterior, compõem uma imagem de pose. Dessa forma, podemos entender que eles foram convidados a fazerem parte desse registro. Mesmo assim, eles parecem não acompanhar toda a maneira pomposa que os demais se dispõem a fazer com suas poses, revelando, quem sabe, sua distinta condição social, haja vista que suas vestimentas também se distinguem das demais.

Existem dois carros presentes na imagem. O cidadão presente no segundo carro parece ignorar completamente a presença de uma câmera. Ao contrário do outro, que também encara a câmera com a mão no volante. A presença de dois carros pode indicar que outras pessoas começaram a adquirir esse instrumento locomotivo.

Através da memorialista Julieta Pordeus Gadelha (1986) entendemos que não demorou muito para que outras pessoas também desejassem possuir um carro.



O Cel. Basílio Pordeus Silva não quis ficar por baixo: dinheiro tinha, e por que não comprar um carrinho também? Comprou. E aprendeu a guiar num abrir e fechar de olhos. Um dia, estando o Cel. Basílio Silva a passear pelas ruas da cidade, demorou tanto que sua esposa Geni, vendo que ele não chegava para almoçar, ficou à espera que o carro passasse e chamou: Basílio, tá na hora do almoço! E ele respondeu: já vou, Geni! e essa ladainha se repetindo por várias vezes. Até que Basílio Silva, suando, chega em casa, enquanto Geni vai dizendo: "O almoço já está frio, porque custou tanto?" "Ah, - respondeu ele, soprando - eu estava esperando que aquele troço parasse, pois eu não conseguia, até que a gasolina acabasse!" (Gadelha, 1986, p. 131).

Aqui podemos observar o dualismo do tradicional e do moderno. Nesse sentido, o homem tentando se adaptar a essas novas empreitadas, sendo condicionando a adaptação para as novas ações e costumes de uma cidade que cada vez mais enveredou por caminhos modernos.

Neste caso, não só os homens tiveram que se adaptar a essas novas demandas, como a própria cidade passou por processo de urbanização e novas estruturas para que conseguisse receber esses elementos.

URBANIZAÇÃO E COTIDIANO

É importante destacar que durante as décadas de 1920 e 1930, a cidade Sousa não é a mesma que a das décadas de 1940 a 1960. Nas primeiras décadas, alguns elementos começam a fazer parte dessa urbe, o que provoca algumas modificações e as primeiras reformas urbanas. Porém, nas demais décadas que se seguem, a estrutura da cidade percorre outros caminhos e mecanismos que contribuem para a mudança de uma cidade que carregava ainda aspectos rurais para elementos mais urbanos.

Quem contribui com essa análise é Sousa (2011)

Ao ocupar as ruas da cidade, os automóveis passaram a disputá-las com os pedestres, constituindo uma nova maneira pela qual estes deviam andar pela cidade. Dessa maneira, o fluxo de veículos automotores



instituiu nas ruas uma nova pedagogia. Segundo, a medida que essa mecânica moderna se fazia mais presente, a cidade perdeu, consequentemente, o seu aspecto bucólico específico do mundo rural, ganhando com isso, mais “ares de civilidade”. (...) Essa experiência, obviamente, não era a mesma pela qual passavam os homens e mulheres dos grandes centros, contudo, não devemos deixar de pensar nas transformações por que passou o cotidiano dessas pequenas cidades com a presença dos automóveis, caminhões, (...) (Sousa, 2011, p. 73).

Veja que, aos poucos, a cidade começa também a sofrer mudanças. Publicado no jornal *A União*, de 1932, um relatório do município⁶, apresentado pelo Dr. Raymundo Pires Braga, prefeito local, ao Sr. Interventor Federal do Estado, detalha os seus feitos nos últimos 3 anos. Nesse relatório é possível observar o desejo que já tinha das autoridades em remodelar a cidade.

Obedecendo ao critério das boas administrações, não quis entrar num regime de imposições, obrigando ao povo a levantar as platâbandas das casas no perímetro urbano. Primeiramente tomei o alvitre de organizar um plano de urbanização racional, e mandei levantar a planta da cidade.

Em seguida submetti á apreciação do sr. Interventor Federal, de quem estou esperando a sua solução para a effeito o remodelamento desta cidade (*A União*, 1932, p. 10).

É importante destacar que nesse período já eram vigentes discursos de higienização, embelezamento e de sanitarização. Neste período é possível perceber espaços de sociabilidade, como praças ou outros ambientes arborizados que promovessem bem-estar. Veja que existe uma preocupação, principalmente pela parte administrativa da cidade, em apresentar essa sociedade através de critérios de organização e embelezamento. O relato ainda segue afirmando

Tenho o maior desejo em arborizar a nossa cidade, de modo que qualquer pessoas que nos visite encontre um attractive e certa graça no seu aspecto urbano.

⁶ Ver: Prefeitura Municipal de Souza. Relatório do 2º semestre de 1931 do município de Souza, apresentada pelo dr. Raimundo Pires Braga, prefeito de Souza, ao sr. Interventor Federal neste Estado. *A União*. Parahyba, 21 de fevereiro de 1932, p. 10.



Não quero deixar a Prefeitura sem completar essa parte de meu programma de governo. Até agora não dei andamento por forças de circunstâncias que não permitem a sua execução immediata.

Nesta Prefeitura já existem mais 200 pés de figos esperando o tempo opportuno para o transplante. Vou fazer um appello aos particulares para que a planta que ficar na frente de sua casa, seja zelada por cada um como se fosse uma propriedade privada, evitando esta Prefeitura de grandes despesas com esse serviço (A União, 1932, p.10).

Observe o desejo que se tem em plantar árvores pela cidade. Pelas fotografias, já podemos contemplar a presença de árvores com o intuito de promover um ambiente mais arborizado. Contemple a Imagem 5, a seguir

Imagem 5 - Rua Capitão Manoel Gadelha (1930)



Fonte: *Além do Rio* (2011) (Reprodução)

A imagem registra o cotidiano de uma cidade. Portanto, é possível perceber algumas particularidades. Perceba a presença de algumas árvores que, por sinal, estão de maneira enfileiradas, apresentando uma ideia urbanista pensada por trás da plantação. Veja que, abaixo dessas árvores, há alguns bancos, indicando que a plantação delas se dava tanto um ambiente arborizado, como de sombra para os moradores e transeuntes.

Em 1930, já é possível observar que algumas ruas são alargadas para o entroncamento de veículos. Nas fotografias também se pode identificar a



ausência de buracos e pedras nas estradas que pudessem prejudicar esses veículos. Nesta Imagem 5 existem marcas de pneus, indicando que essas ruas já apresentavam um determinado fluxo. Se observarmos bem, à esquerda da imagem existe uma moto embaixo de uma árvore. Logo, podemos contemplar a presença de um outro elemento moderno desta urbe.

Ademais, a ausência de lixo nas ruas e a limpeza no espaço urbano, aparentemente documentada pela fotografia, sugerem uma tentativa deliberada de construção de uma narrativa de ordem, progresso e civilidade. Isso porque, grande parte das fotografias apresentadas da cidade no livro *Além do Rio* (2011) apresentam esses aspectos urbanos da cidade, indicando uma ação deliberada por parte do fotógrafo na escolha de ruas e avenidas a serem registradas. No entanto, esse feito também pode indicar uma ação do editor do livro, que seleciona quais imagens compõem a obra.

O espaço apresentado na fotografia é uma importante rua comercial do centro da cidade. Veja que existem vários letreiros nas paredes dos estabelecimentos, como "Farmacia do Tomaz Pires", "Salão Cristal" e "Padaria e Tipografia de Marques Pinto Aragão". Assim, entendemos que existe uma certa preocupação para que esse ambiente seja acessado pela população. Aparentemente, a fotografia foi tirada em um final de semana, tendo em vista que as lojas estão todas fechadas durante horário comercial.

Não podemos deixar de observar a presença de alguns indivíduos na imagem. Um homem, e o que parece ser uma criança, quem sabe seu filho, se acomodam nas sombras das árvores. Em outro recorte, percebemos o que nos parece ser uma mulher com uma criança em seus braços. A fotografia não é nítida, mas um pequeno detalhe da sombra do que aparentemente seria uma perna de uma criança nos ajuda a chegar a essa conclusão.



O deslocamento de um cidadão no momento do *clique* da máquina fotográfica eterniza a ação do homem que está em movimento, o que deixa a impressão de *vulto*. Durante a ação da fotografia era necessário a pessoa ficar imóvel por alguns segundos, para que a imagem saísse nítida. Porém, a ação desse cidadão eterniza a sua façanha.

A primeira urbanização da praça se deu durante o governo do prefeito João Alvino Gomes de Sá (1915-1929). Nessas décadas iniciais já encontramos vestígios fotográficos de momentos de lazer, nos quais existe um número concentrado de pessoas reunidas neste espaço da cidade (Imagem 6). Dessa forma, as praças se constituem enquanto ambiente que promove essa sociabilidade.

Imagem 6 - Praça e Rua Almeida Barreto - O coreto (1931)



Fonte: *Além do Rio* (2011) (Reprodução).

A imagem apresentada é um registro da praça central da cidade. O cronista Gastão de Medeiros Forte afirma que essa praça era um “reduto tradicional da família sousense” (1979, p. 11). Era nessa localidade que



aconteciam as festas, geralmente religiosas, e encontros dos jovens enamorados, crianças e dos cidadãos de maneira geral.

Observe que, na imagem, existe um grande número de pessoas concentradas em torno do coreto da cidade. A presença de várias crianças na multidão nos leva a pensar que o evento esteja relacionado com uma apresentação escolar; note que suas roupas são bem semelhantes, como um fardamento, o que faz cogitar essa possibilidade. Percebe-se que o evento atrai bastante crianças e, aqui, algumas delas parecem que não estão com a mesma vestimenta das demais. Contemple as quatro crianças, no lado esquerdo da fotografia, que estão indo em direção ao grupo de pessoas no centro da praça. Quatro homens, que estão no primeiro plano à esquerda da fotografia, estão indo em direção à praça, alguns deles com chapéus nas mãos.

Deste modo, essa fotografia nos dá a impressão de que essas ruas eram usadas popularmente, uma ampliação da vizinhança onde se davam os encontros e eventos populares. Contemple, também, as casas ao fundo da imagem. Muitas delas estão com as janelas e portas abertas; ação está bastante corriqueira no dia a dia de uma cidade interiorana. A arquitetura das casas nos chama a atenção. Algumas delas possuem inúmeras janelas, o que era bem comum naquela época, com a intenção de incorporar elementos que auxiliassem com os aspectos naturais, como a entrada de luz natural, a circulação do ar e a ventilação do ambiente (Roche, 2000).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mediante o que foi apresentado, podemos afirmar que a cidade de Sousa, na Paraíba, durante os anos iniciais do século XX, passou por mudanças urbanas e sociais que estavam vinculadas a discursos modernizantes e



civilizatórios. Essas transformações ainda se deram de forma tímida, em comparação às grandes metrópoles e aos anos que decorreram. Observamos que durante as décadas de 1920 e 1930 a cidade ainda apresentava aspectos rurais e monótonos, porém, a introdução de alguns elementos a urbe contribui para uma reconstrução imagética da cidade, voltada para aspectos modernos e de desenvolvimento.

Esse imaginário foi especialmente construído por uma elite local e estadual que fomentaram um caráter remidor que esses instrumentos atrelavam sobre esse espaço. Logo, observamos que já nos anos iniciais do século XX a um interesse em apresentar uma cidade mais urbana e mais desenvolvida, mesmo que a introdução desses elementos seja ainda pontual.

Nem todos irão compartilhar desse imaginário sobre a cidade, isso porque era a elite local que fomenta esse ideário de modernidade, através de jornais e revistas, em especial durante as décadas subsequentes onde a imprensa local ganha mais força e notoriedade. Outras experiências vividas pela população sousense parecem ser ignoradas tanto pela elite econômica quanto pelas próprias fotografias, que silenciam determinadas realidades sociais. Como diz o David Harvey (2014, p. 30), nem todos têm o poder de configurar a cidade. Assim, entendemos que esses novos símbolos de modernidade que passam a integrar o cotidiano — como o automóvel, a urbanização e a infraestrutura — não eram acessíveis a todos, permanecendo restritos a um grupo seletivo que podia deles usufruir.

A fotografia nos auxiliou a observar a concretização desses discursos e a maneira como a presença desses elementos modernizantes começaram a penetrar na realidade dos cidadãos. Nesse sentido, a fotografia constitui uma importante fonte documental, possibilitando encará-la através de leitura e análise dos discursos e narrativas que perpassam esse documento e suas formas de



representação da cidade. Logo, muitos elementos podem ser trabalhados e pensados acerca da cidade de Sousa por meio dessa fonte. Essas análises não se concluem aqui, ao contrário, abrem um leque de possibilidades de estudos e pesquisa.

REFERÊNCIAS

ARANHA, Gervácio Batista. **Trem, modernidade e imaginário na Paraíba e região: tramas político-econômicas e práticas culturais (1880-1925)**. 2001. 461 f. Tese de Doutorado em História – Unicamp, Campinas, 2001.

BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido desmancha no ar – a aventura da modernidade**. São Paulo. Cia. Das Letras, 1986.

BENCHIMOL, Jaime Larry. O prefeito Francisco Pereira Passos. *In* **Pereira Passos: um Haussmann tropical - a renovação urbana da cidade do Rio de Janeiro no início do século XX**. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, Turismo e Esportes, 1992 (Biblioteca Carioca). p. 192-203.

COLINS, Jones. O Haussmanismo e a cidade da modernidade (1851-1889). *In*: **Paris: biografia de uma cidade**. 6 ed. Porto Alegre: L&PM Editores, 2017. p. 323-367.

DÁRIO, Rafaela Pereira. **Nos caminhos do progresso, nas veredas da modernização: Representações da cidade de Sousa-PB (1951-1963)**. 2012. 140 f. Dissertação de mestrado – UFPB, João Pessoa, 2012.

FERRAZ, Augusto. **Além do rio: uma fotografia da paisagem urbana - Sousa - Paraíba**. AGT Produções, 2011.

FORTE, Gastão de Medeiros. **Minha terra, minha gente**. [S. l.]: [s.n.] 1979.

GADELHA, Julieta Pordeus. **Antes que ninguém conte**. João Pessoa: A União, 1986.



GUINZBURG, Carlos. **Mitos, emblemas, sinais:** morfologia e história. São Paulo: Cia. das Letras 1989.

HARVEY, David. O direito à cidade. *In* **Cidades rebeldes:** do direito à cidade à revolução urbana. São Paulo: Martins Fontes, 2014. p. 27-66.

OURY, Mauro Guilherme Pinheiro. Fotografia e Cidade. *In*: KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro (org.) **Imagens e Ciências Sociais.** João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 1998.

KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. Fotografia e Cidade. *In* KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro (org.) **Imagens e Ciências Sociais.** João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 1998.

KOSSOY, Boris. **Fotografia e História.** São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

LIRA, Bertrand de Souza. **Fotografia na Paraíba:** um inventário dos fotógrafos através do retrato (1850-1950). João Pessoa: Editora da Universidade Federal da Paraíba, 1997.

MAUAD, Ana Maria. **Através da imagem:** fotografia e história interfaces. Revista Tempo, Niterói, UFF, Relume-Dumará, v.1, nº 2, p. 73-98, 1996.

PRIORE, Mary del. **Histórias da gente brasileira.** Volume 3: República – Memórias (1889-1950). Rio de Janeiro: Le Ya, 2017.

REGO, José Lins do. **Menino de engenho** [recurso eletrônico]. 100. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2012.

ROCHE, Daniel. **História das Coisas Banais** – Nascimento do Consumo nas sociedades do século XVII ao XIX. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

SILVA, Angela Ferreira da. **Crônicas pungentes:** o Rio de Janeiro da “Reforma Passos” (1902-1906) na fotografia de Augusto Malta. 2018. 131 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.

SILVA FILHO, Osmar Luiz da. **Na cidade da Parayba, o percurso e as tramas do moderno** (1892-1928). 1999. 336 f. Tese (Doutorado em História) - Universidade Federal de Pernambuco, 1999. K



SILVA, Bárbara Bezerra Siqueira. **O poder político de José Américo de Almeida: A construção do americanismo (1928-1935).** 2015. 157 f. Dissertação de Mestrado, UFPB, João Pessoa, 2015.

SOUSA, Rivaldo Amador de. **Encantos e desencantos das cidades: sensibilidades e sociabilidades em Sousa-PB (1922-1960).** 2011. 149 f. Dissertação de mestrado – Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande. 2011.

SOUSA, Suzana Alves. **Fotografias e narrativas da modernidade: o cotidiano em Sousa – PB (1920-1960).** 2025. 151 f. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Centro de Humanidades, Universidade Federal de Campina Grande, Paraíba, 2025.

TURAZZI, Maria Inez. **Poses e trejeitos: a fotografia e as exposições na era do espetáculo (1839-1889).** Rio de Janeiro: Rocco, 1995.

JORNAIS E REVISTAS

A União. Parahyba, 26 de maio de 1926, p. 2.

A União. Parahyba, 21 de fevereiro de 1932, p. 10.